

GEISIANA DE ASSIS MORAIS

**SOBRE A FUNÇÃO DO PAI NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS EM FASE
ESCOLAR NA CONTEMPORANEIDADE**

MARINGÁ

2012

GEISIANA DE ASSIS MORAIS

**SOBRE A FUNÇÃO DO PAI NA EDUCAÇÃO DOS FILHOS EM FASE
ESCOLAR NA CONTEMPORANEIDADE**

Projeto para Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado ao Curso de Pedagogia, como requisito parcial para cumprimento das atividades exigidas na disciplina do TCC.

Orientação: Prof. Dr. Raymundo de Lima

MARINGÁ

2012

RESUMO

Estudos analisam o declínio da autoridade do pai nas famílias em nossa época, que vem causando efeitos na sociedade moderna e contemporânea. Este estudo pretende discutir sobre a função do pai na família contemporânea, principalmente sua ausência na educação dos filhos na nova configuração familiar. Esse trabalho de conclusão de curso de pedagogia se orienta por uma pesquisa bibliográfica, cujo foco é a discussão entre família e educação, família e escola.

Palavras-chave: Pai. Família. Filho. Patriarcalismo. Sistema Patriarcal.

1 INTRODUÇÃO

As novas configurações da família contemporânea, como se posiciona pai e mãe diante do filho? Qual é a função da família na educação escolar dos filhos? Os pais ainda comandam a educação dos filhos, ou esta é transferida para a escola? O que mudou com o passar do tempo, por que parece que o pai já não mais é referência de autoridade ou Lei na família?

Porque parece que a função de autoridade ou “lei” do pai, atributo do patriarcalismo, já não é exclusiva na família contemporânea. As mulheres foram em busca de uma vida fora de seus lares, tanto estudo como trabalho hoje constituem prioridade na mulher considerada “moderna”. E que aconteceu com o “instinto materno” que tradicionalmente sustentava a imagem da mulher?

Pesquisas consagradas anunciam o “declínio da autoridade do pai” ou as “novas formas de paternidade” (HURSTEL, 1999; RAMIRES, 1997), ou, ainda, diagnosticam “o fim do patriarcalismo” (CASTELLS, 1999), bem como vários ensaios acadêmicos e jornalísticos de psicólogos, psicanalistas, sociólogos e antropólogos, atestam e atualizam tais estudos, serão o ponto de partida deste trabalho de conclusão de curso.

Com a aprovação, na França, em 1970, de uma lei, Hurstel (1999) aponta o início do declínio da poder do pai: a lei francesa passa a definir a autoridade parental como partilhada e não mais exclusivamente do homem anteriormente visto como o chefe da família homens.

Em maio de 1968, pela primeira vez, foi dito claramente e em voz alta, gritou se nas ruas com violência e convicção, que um certo tipo de autoridade estava morta. Não queríamos mais o pai como representante daquela autoridade , arbitrário e dogmática. Isso foi dito e escrito. (HURSTEL 1999, p.25)

A partir desta data, as mulheres passam a exercer os mesmos direitos antes privilégio dos homens. Os estudos, portanto, também começam a conceituar o pai não mais como figura principal no seio familiar, dando assim início à desvalorização da imagem do pai vista por alguns autores que descrevem o pai atual com “humilhado” ou “desamparado” (DORAIS, 1994).

Também faremos uso de alguns textos de Sigmund Freud, visando entender o fundamento de suas idéias sobre o *Complexo Paterno*, que influenciaram o pensamento científico ocidental sobre a formação da personalidade do ser humano, pois foi à partir dele que se levantou hipóteses sobre as patologias psíquicas. Seu seguidor e leitor, Lacan (1999) relaciona o nascimento da psicanálise ligada a chamada crise psicológica em declínio a imagem do pai, desenvolvido posteriormente por outros autores cujas frases marcantes são: ausência da Lei-do-Pai, carência paterna, a desvalorização da imagem social decorrente da figura do Pai-lei. Enfim, nosso estudo pretende apresentar a trajetória e influências da mudança da figura de pai, que atualmente se coloca frente aos novos desafios no campo educativo e social.

Tomamos a psicanálise como referência principal deste estudo porque é uma teoria que investiga a formação psíquica ou a personalidade, bem como analisa as relações de pai, filho, mãe, professores; portanto, ela pode contribuir para entendermos o que vem ocorrendo com a família contemporânea em “desordem” (ROUDINESCO, 2003). Investigar sobre as causas desta desordem, ou da desestruturação da família tradicional e patriarcal, parece ser imprescindível para compreendermos tanto a crise do comando dos filhos de nossa época marcados pela resistência à obediência aos mais velhos e às regras de convivência familiar e social, como também parece estar associado à crise da autoridade docente. Ou seja, a crises que estas duas instituições hoje enfrentam parece ter uma causa comum: o declínio da autoridade e a *des-ordem* da família tradicional.

Como aluna do curso de graduação em Pedagogia fico especialmente preocupada com os efeitos da crise de autoridade dos profissionais que atuam na pré-escola e na escola. Crianças na escola de hoje revelam certo sentimento de abandono em relação ao pai e a mãe. Também a falta de referência da figura paterna parece estar associado a crescente indisciplina na escola. A queixa dos professores sobre indisciplina dos alunos é muito freqüente na atualidade; seria esta decorrente de faltas deixadas pelos próprios professores ou pelos pais?

Como já foi dito, a psicanálise orienta este estudo, mas sabemos que a própria sozinha não pode explicar todos os problemas humanos da contemporaneidade. Todavia, foi esta concepção que primeiro levantou a hipótese sobre a associação entre neurose e relações familiares, sobretudo o complexo de Édipo. Segundo, a psicanálise investe no desvelamento do Inconsciente dos

sujeitos, conforme o desenvolvimento psíquico de cada um. Terceiro, porque ela fornece conceitos para investigarmos a complexa relação entre a criança e família, criança-jovem e sociedade, e também o papel da educação para civilizar os sujeitos. Para a psicanálise a educação implica obrigatoriamente recalque dos instintos mais primitivos. Então, o que os seres humanos ganham e perdem ao serem civilizados?

Neste sentido, serão estudados autores que estabelecem um diálogo entre a psicanálise e a educação: Leny Mrech, Maud Mannoni, Alicia Fernandez, Sérgio Sklar, entre outros. Também iremos estudar autores que trabalham em outras áreas do conhecimento (sociologia, antropologia) ou que estabelecem um diálogo entre a psicanálise e a sociologia-antropologia contemporânea, sobre as causas e efeitos da crise do patriarcalismo: Françoise Hurstel, Vera Ramires, Manuel Castels, Michel Dorais, etc.

3.1 O pai no contexto histórico da sociedade

O pai na família patriarcal sempre foi considerado ponto de referência da família, o chefe, a lei, o provedor, a bússola que direcionava e representava todos os outros membros pertencentes a mesma família. A mulher no sistema patriarcal assumia a função de cuidar e educar seus filhos, é a autoridade substituta do pai na sua ausência, mas ela sempre evoca a autoridade maior. Cabe a mãe o papel fundamental de higienização e educação dos bons modos dos filhos. Segundo Ramires (1997, p.14), a desigualdade entre os gêneros sempre se manteve numa relação estreita e também é produzida pelo modo como são exercidas a paternidade e a maternidade.

Para Engels (*apud* RAMIRES, 1946, p.19), cujo olhar é marxista, a igualdade entre homem e mulher seria possível quando ambos conquistassem direitos iguais. Para tanto, a mulher moderna foi trabalhar fora do lar, porém esta ação inovadora ainda não é suficiente para conquistar a igualdade; seria necessário novas mudanças, a configuração de papéis dentro da família bem como estrutura psíquica do sujeito que é responsável por compor e reproduzir o grupo familiar para que aconteça efetivamente as mudanças. É importante ressaltar que a família reflete no comportamento social os valores, padrões de comportamento, relações de afeto, amor e autoridade, ou seja, a família cuja mãe trabalha fora do lar certamente sofre alterações nos costumes, uso do tempo, nas relações entre cônjuges e entre pais e filhos.

Parece que existe carência de estudos de como de fato o pai exercia a sua função na família da antiguidade; geralmente os estudos enfocam a família à partir do período medieval, depois na família da modernidade e da contemporaneidade, mas sem especificar as atribuições da paternidade nas relações intrafamiliares. Noutros termos, embora existam muitos estudos sobre a importância do pai na estruturação psíquica do sujeito, faltam estudos e pesquisas que esclareçam sobre a função paterna no processo de educação dos filhos. Ou é porque o pai sempre foi ausente na educação dos filhos? Será que em todas as épocas e culturas o pai foi um ausente na educação dos filhos? Será que a educação sempre foi responsabilidade da mãe?

Como afirma Laqueur:

Me incomoda que careçamos de uma história da paternidade, silêncio que interpreto como signo de uma patologia mais sistêmica de nosso

conhecimento acerca do que se implica ser um homem e ser um pai. Desafortunadamente não houve um movimento comparável ao feminismo moderno que estimulasse o estudo dos varões (LAQUEUR, 1992, p.25).

Apesar do declínio da autoridade patriarcal, para este autor os historiadores não se preocupam com as conseqüências culturais; parecem presos ao século passado em que os homens pertencem ao mercado de trabalho e as mulheres a esfera privada do lar.

A pesar do domínio do patriarcado ter declinado os historiadores não se preocupam com as conseqüências culturais que tem para os pais esta recessão. Ao contrario continuam presos a perspectiva do século passado de que os homens pertencem a esfera pública do mercado e as mulheres a esfera privada da família. (LAQUEUR, 1992, p.26)

O autor acima acredita que no quinto milênio os egípcios e indo-europeus descobriram a paternidade, até então a humanidade se organizava em estruturas profamiliares centradas na mãe, o desenvolvimento desta descoberta aconteceu lentamente.

O modelo de pai provedor exercendo sua função no espaço público distante de seus filhos, representante da autoridade e da lei, mais temido do que respeitável, foi sendo constituído ao longo da história, consolidando como patrimônio da família nuclear burguesa ou patriarcal. É na família burguesa que a divisão de papéis fica clara e evidente o padrão de criação dos filhos excluindo a participação paterna (RAMIRES, 1997).

No entanto, este padrão que se estendia até as ultimas décadas, novos modelos de família começam a se tornarem freqüentes.

2 Declínio da autoridade patriarcal, novo modelo de família

Como foi já dito, o pai visto pela família patriarcal é referência de poder, comando, e representante de todos os outros membros pertencentes a mesma família. Mas na contemporaneidade e no chamado mundo ocidental, o pai é destituído de poder, do comando, e de ser representante da família perante à sociedade. Trata-se primeiro de uma mudança cultural recentemente reforçada pela mudança de leis que restringem ou tiram estes atributos ao pai. Por exemplo, é a

partir da década de 1970, o reconhecimento da co-responsabilidade pela educação dos filhos, a equidade na declaração do Imposto de Renda, e mais recentemente a aprovação da Lei Maria da Penha, no Brasil. A partir do Direito, deve fazer parte da nossa cultura, a responsabilidade do pai à mesma função de sua esposa, isto é, ambos devem cuidar, criar, educar os filhos, quer dividindo a mesma casa ou como pais divorciados. É nítida a mudança nos novos modelos de família, são acrescentados outros valores, a partir deste período, vem causando resistência e polêmica nos seguimentos sociais mais conservadores e tradicionais.

De acordo com as pesquisas realizadas por Ramires (1997), nas últimas décadas o número de divórcios atinge 50% nos Estados Unidos; uma criança em cada quatro viveria em famílias monoparentais, ou seja, 88% delas são dirigidas por mulheres.

No Brasil o número de divórcios triplicou da década de 1980 para a de 1990. Em 1990, 20,3% das famílias brasileiras eram chefiadas por mulheres, e no Recife o número chegava a 27,2%, dados que vem aumentando segundo dados do (IBGE 2010). A taxa geral de divórcio atingiu o seu maior valor, 1,8% (1,8 divórcios para cada mil pessoas de 20 anos ou mais) desde o início da série histórica das Estatísticas do Registro Civil, em 1984.

Nos últimos vinte anos uma nova realidade familiar começa se fazer presente, revelando profundas mudanças. O fim do patriarcado começa a se desenhar uma paternidade completamente diferente. A nova geração de pai participa ativamente da educação e do cuidado dos seus filhos. Parece que este pai se considera mais feliz e realizado em relação ao pai autoritário e ausente da educação tradicional. Uma maior presença do pai contemporâneo tanto deixa a mãe mais livre para projetar uma vida para além do lar, de estudos e trabalho, como também 'convida' o pai para a responsabilidade na educação dos filhos.

Com base nos estudos realizados nos últimos vinte anos confirmam que o filho tem a necessidade incondicional da presença do pai nos dois primeiros anos de vida. Estes estudos revisam os estudos psicanalíticos cujo pai "aparece" tardiamente na vida infantil lá pelos três anos, quando a criança vai descobrir que não é o centro do mundo, e que sua mãe não lhe pertence. Freud denomina esta situação conflitiva Complexo de Édipo, "importante na formação da personalidade normal ou patológica, embora hoje saibamos que problemas de fases anteriores podem ser, em alguns casos, mais importantes" (D'ANDREA, 1982, p. 61).

Como a mulher moderna está presente cada vez mais no mercado de trabalho, o novo modelo familiar exige a participação do homem na esfera doméstica, no cuidado e na educação dos filhos. Esta nova realidade transforma a realidade na estrutura familiar e psíquica das crianças contribuindo para uma nova organização da família e por fim da sociedade. Enquanto que na perspectiva tradicional a função paterna cumpre com a função básica de prover o sustento, apoiar emocionalmente sua esposa, com pouco envolvimento com os filhos, a nova perspectiva familiar parece buscar um equilíbrio entre a função do pai e da mãe no provimento, apoio emocional e educação dos filhos. Porém, na prática, em muitas famílias ainda persiste um desequilíbrio nas funções do lar e de responsabilidade com a educação dos filhos, sobrando sobrecarga para a mãe e ressentimento ao pai, já que ele foi destituído do lugar de autoridade no comando da família.

No novo modelo familiar, os meninos e as meninas aparentemente recebem a mesma educação dos pais, participam com relativa igualdade da convivência doméstica, ambos recebem um ensino escolar obrigatório, a escola contribui para a igualdade dos sexos na família, no mercado de trabalho e na comunidade. Mesmo assim, persiste alguma distinção entre meninas e meninos quanto as tarefas domésticas: meninos resistem fazer tarefas domésticas consideradas femininas, por exemplo, lavar pratos ou arrumar o seu quarto e meninas também resistem ajudar a mãe nas tarefas domésticas.

Voltando a função paterna. Os autores consultados (RAMIRES, HURSTEL, DORAIS, etc) confirmam a importância do pai no desenvolvimento da personalidade das crianças, tanto na formação do sujeito moral-ético como na constituição da saúde mental.

Como afirma Ramires (1997)

Os homens são simbolicamente importantes para as crianças, como modelo de poder e autoridade. A perspectiva moderna enfatizou a importância do papel do pai no desenvolvimento da criança e as conseqüências e prejuízos de sua ausência, atingindo a aquisição da identidade de gênero, a performance acadêmica e desenvolvimento moral (RAMIRES, 1997, p.31).

Mas quando de fato a figura do pai começou a se alterar ou se declinar de sua autoridade? Para responder esta questão usaremos o estudo de Françoise Hurstel (1997). A autora analisa a transformação no modelo cultural da família

patriarcal e a alteração na função das mulheres no momento em que elas puderam escolher seu marido e decidir se ele vai ser o pai dos seus filhos ou não. Porque tradicionalmente o direito de escolher o marido cabia ao pai-patriarca da família, cujo interesse era econômico e não amoroso. Então, quando a mulher sente-se no direito de escolher um homem para esposo, ela inaugura seu desejo-interesse e ao mesmo tempo rompe uma tradição com o poder patriarcal.

Como já foi dito, a lei francesa de 1970, ao substituir o *Pátrio Poder* pela “autoridade parental” no contexto da família, consideram o pai e a mãe durante o casamento dotados da mesma autoridade, (art, 372, lei de janeiro de 1993) (HURSTEL, 1999, p. 124). Nesse sentido, a mãe já não pode mais assumir o mesmo papel da família patriarcal; ambos devem assumir as responsabilidades em relação às crianças e ao futuro delas.

A partir de 1972 começam a se perceber os resultados ligados a lei de 1970, houve uma mudança brusca em relação a família conjugal, o número de casamentos diminuem, aumenta o número de divórcios possivelmente resultado do poder conquistado pelas mulheres e dos direitos garantidos pelos códigos civis reconhecendo a igualdade de homens e mulheres. Já não existe casamentos sem o consentimento da mulher e caso haja alguma divergência entre os conjugues há direito do divórcio.

Para Lacan (1999, p12.) e toda a concepção psicanalítica, a função paterna ainda desempenha um papel fundamental na saúde psíquica do sujeito. Mesmo sofrendo o declínio como efeito da modernidade, o pai exerce a função simbólica na formação da personalidade dos filhos e na subjetividade da família. Na verdade, ausência tanto da função paterna como da função materna, bem com o excesso de ambas, possivelmente podem produzir transtornos psíquicos nos filhos. Em outros termos, a superproteção dos pais inibe – ou reprime – o desenvolvimento da autonomia dos filhos, e a ausência de pai, mãe, ou de ambos, possivelmente deixará marcas de carência afetiva irreparáveis ao longo da vida. Estamos presenciando uma geração de pais que se deixam manipular por filhos, quer para comer somente um tipo de alimento, ou que se recusa dormir numa determinada hora, ou ainda que revela sintomas neuróticos, tais como: arrancar cabelos, xingar, fazer birra, etc.

A psicanálise comprova que a ausência paterna causa vários tipos de neuroses, perversões, e até psicoses. E da mãe, também. Por um lado, temos a maneira como a criança se porta diante da ausência da mãe ou do pai, será fator

determinante no tipo de patologia psíquica; por outro, temos como a mãe e o pai se posicionam frente as birras da criança. Muitas vezes, a criança é o sintoma da mãe ou do pai, como afirmam os psicanlistas. Então, não se trata de fazer um trabalho terapêutico com a criança, mas sim, de reeducar os pais para saber como lidar com os filhos desde pequenos.

O mundo contemporâneo está em constante transformação sócio-cultural, político e econômico. Mudam-se hábitos, costumes, valores de vida e de organização do ser humano na sociedade. A família tanto sofre os efeitos desta transformação como também contribui para esta se aprofundar e se ampliar.

Nesta nova ordem sócio-cultural, política e econômica, Hurstel cita Claudel que descreve o pai atual como “pai humilhado” e “desamparado” frente aos novos desafios do mundo. O pai contemporâneo mesmo “humilhado” é convocado a assumir diversas funções, dentre elas a de educar, quando a mulher está ausente por necessidade ou falta de vocação para a maternagem.

Esta última observação nos remete ao estudo de Badinter (1985) onde a autora analisa o instinto materno como sendo mito. Na verdade, diz Badinter: não existe instinto materno, mas sim, algo afetivo que culturalmente foi construído pela mulher, produzido pelo sistema patriarcal. Portanto, na nova configuração familiar contemporânea, cujo casal é co-responsável pelos filhos, também o homem pode (e deve) construir uma vocação própria para a maternagem (carinho, cuidados de alimentação e de higiene) e também a educação dos filhos.

Ainda, como consequência da rápida transformação das famílias, estas autorizam novas e radicais configurações: mães solteiras (com ou sem inseminação artificial), famílias reconstituídas, famílias com filhos adotivos (filhos do coração), famílias formada por casal homoafetivo, família poligâmica, família formada por portadores de Síndrome de Down, entre outras..

A mídia também se interessa pelo assunto, ora se apoiando em especialistas e pesquisas, ora explorando e trivializando as novas formas de “ser família”. Também podemos evidenciar a crise da autoridade do pai na literatura, novelas, teatro, filmes, revistas, programas humorísticos. Hurstel (1999) observa um mal-estar do pai representado na mídia ocidental, muitas vezes suavizado em forma de comédia (exemplo: A Grande Família/ TV Globo).

O texto de Freud “O complexo paterno”, (apud LEMLER, 1981), influenciou todas as publicações sobre pais surgidas após 1945. Na França, pesquisas sobre

esta obra descrevem como um *complexo* caracterizado pela atitude afetiva “ambivalente” em relação a representação do pai: o pai é descrito ora como uma figura poderosa (que desperta terror), ora é representado como pai ausente, apagado ou desqualificado (HURSTEL, 1999).

Se o pai é a causa das neuroses dos filhos, não é como é descrito e dito no mais das vezes hoje por que ele é “fraco”, “ausente”, “apagado”. É em razão de um excesso de poder ou tirania ou em razão dos efeitos que podem resultar de sua idealização como figura perfeita e absoluta (HURSTEL, 1997, p.34).

2.1 Reflexos do declínio da autoridade patriarcal na educação contemporânea

Em relação aos temas da teoria psicanalítica depois de Sigmund Freud, parece que estes estudos deram mais ênfase ao papel da mãe do que do pai. Referimos a ênfase dos estudos de Melanie Klein (*Estágios Iniciais do Complexo Edipiano/1928; Psicanálise da criança/ 1932*), são de inegável importância muito para o esclarecimento da formação psíquica nos primeiros anos dos seres humanos, isto é, antes da situação denominada Complexo de Édipo. Conforme observa Farias e Lima (2004).

Para Melanie Klein há um verdadeiro relacionamento amoroso da mãe com seu bebê, na mulher que conseguiu atingir uma personalidade maternal. Desde criança, a menina tem fantasias inconscientes de que o corpo de sua mãe está cheio de bebês, colocados lá pelo pênis do pai. Os desejos experimentados durante a infância persistem na idade adulta e influenciam o amor que a mulher grávida tem pelo filho, o que a restitui da frustração por não ter podido receber um filho de seu pai, na infância. Por ter realizado este desejo, a mulher intensifica sua capacidade de amar o filho. Segundo Klein (1937), o desamparo e a necessidade de cuidados maternos por parte da criança solicitam uma grande dose de amor da mãe, o que vai ao encontro das inclinações amorosas e construtivas da mãe. Este desamparo da criança desperta na mãe o desejo de reparação que provém de fontes variadas e que pode relacionar-se a esse bebê esperado, representando a realização dos anseios maternos primitivos. (FARIAS; LIMA, 2004).

Contudo, depois de Lacan é que são produzidos novos estudos sobre a função do pai, sua crise ou declínio, agora contextualizados pela modernidade “líquida” – na expressão de Zygmunt Bauman, ou pós-modernidade.

Como já foi dito, o modelo de família atual o pai não é mais a figura de referência e exemplo maior de autoridade; cresce o número de mulheres que estão fazendo o papel de chefes de família, mas surge a dúvida sobre se elas efetivamente substituem a função do pai? E mesmo as famílias que se constituem no modelo considerado “normal” (família nuclear), parece que o pai não mais exerce a função de autoridade ou comando da família, principalmente dos filhos e da esposa, ou seja, algo se perdeu definitivamente nas novas configurações familiares, que acarretam efeitos significativos na educação dos filhos.

Sem dúvida, um efeito positivo do novo modelo de pai é o seu envolvimento com as funções tradicionais de maternidade. Trata-se de uma nova posição física e simbólica essencial ao momento em que as mães são desviadas desta função para o trabalho fora de casa; ou das mães que fracassam na função materna ou que não se sentem vocacionadas ou sem condição psico-moral para exercer tal função.

Admitir falta de vocação/aptidão para poder criar, cuidar e educar representa uma falha na formação da personalidade? Quem preencherá a dimensão afetiva-emocional e fará o trabalho de socialização primária (transmissão das regras de convivência social, interesse pela leitura, higiene) dos filhos? Um pai pode também ser metáfora da mãe na formação da personalidade dos filhos?

Postman (1999), no capítulo 9, do livro “O desaparecimento da infância”, dispõe de dados impressionantes; ele estabelece uma correlação entre a perda da autoridade do pai, o enfraquecimento do caráter da idade adulta, o declínio da infância, com o aumento explosivo da criminalidade infanto-juvenil em nossa época. O aumento de negligência dos pais e falta de um deles, parece ter relação com o aumento explosivo tanto a criminalidade dos adultos criados com um sentimento de abandono dos pais como também aumentou significativamente crianças de dez a treze anos envolvidas em crimes de adultos POSTMAN.

Para Lima (2009), Postman, entre outros autores ousados.

[...] estabelecem a relação entre o aumento da criminalidade e a ausência do pai na formação de personalidades dos filhos. Um pai excluído de sua

função parece deixar na criança "uma imago inconsciente e primitiva da mãe onipotente e perigosa. Esse imago desencadeia medo, agressão, idealização, e induz a uma tendência a erradicar o pai e seus representantes"

Voltando à psicanálise, a mãe de nossa época cujo estilo é onipotente e autônomo, adquiriu poder de impedir o pai de exercer a função simbólica marcadora de limites ou de desqualificar suas ordens no cotidiano relacional com os filhos; esta nova posição de ser mãe onipotente, castradora e autoritária poderia causar algum efeito danoso na formação psíquica e na conduta social dos filhos. No mínimo, este novo estilo castrador de ser mãe ocidental sobre o pai altera drasticamente a estrutura da ordem civilizatória estruturada no sistema patriarcal (LIMA, 2009). Um dos efeitos da onipotência castradora da mãe hoje é amplamente divulgado pela imprensa é objeto inclusive de chacota: o pai hoje é um banana, frouxo, manco, impotente para comandar a nova ordem familiar ou que é mandado pelos filhos (TORRES, *on line*, 2009).

Na concepção psicanalítica, o pai da família patriarcal se destacava por inúmeras características, entre elas a autoridade "autoritária" que extrapolava a relação intra-familiar, isto é, dominava as instituições da sociedade. Atualmente, quando observamos as crianças e adolescentes agindo com indisciplina e falta de educação na relação com os pais e professores, nos leva a perguntar: onde estão os limites e referências para as crianças e adolescentes?

Estamos, aqui, diante de vários fatores, em que se destacam:

A falta de autoridade paterna como norteador de sua formação, resistência, incompetência ou onipotência da mãe ao ocupar esse lugar vazio da autoridade paterna. Incompetência da escola e dos professores de funcionar como prótese desse sistema cultural falido (LIMA, 2009).

Ou seja, convivemos com o seguinte dilema contemporâneo: cuidamos para não reproduzir o excesso de autoridade dos pais (sobretudo da autoridade do pai); porque ninguém deseja ser visto como autoritário, acabam promovendo a omissão e covardia que indiretamente autoriza os filhos à atitudes autoritárias para com os próprios pais. Agindo desse modo, o pai passa a ser visto como um "banana", "frouxo", "castrado", deixando o lugar de autoridade vazio ou ocupado por filhos de

feito tirânico. O pai omissivo na contemporaneidade deixa um vazio na estrutura familiar que a mãe não consegue preencher. Resultado: estrutura familiar marcada pelo vazio de autoridade produz alguns efeitos psicossociais: a criança fica sem referência simbólica de pai e de mãe, isto é, ficam desorientadas ou sem um caminho certo a seguir; ainda podem desenvolver um sentimento de abandono e reação de revolta, por exemplo aceitando um pai fora-da-lei. Nas crianças sem referência de autoridade paterna-materna, parece que o sentimento de abandono supera a sensação de plena liberdade. E, ainda são produzidas novas patologias psicossociais que ganham visibilidade na mídia (delinquências). Pelo lado dos pais, mais frequente é admissão do sentimento de culpa.

A pesquisa de Lidia Weber (*apud* LIMA, 2009), aponta para 45% no número de pais negligentes e 12% de pais permissivos, no estado do Paraná. A pesquisa aponta apenas 10% de pais autoritários. Sobram 33% de pais considerados participativos ou democráticos na relação com os filhos. O que preocupa nesta pesquisa é a maioria de pais fora-de-lugar, ou seja, de pais que pecam pela negligência e permissividade em relação aos valores universais e regras sensatas para educar os filhos. Noutros termos, parece que os pais contemporâneos se desresponsabilizam da sua função civilizadora, daí as crianças reproduzirem condutas inadequadas na escola, principalmente para com a professora e os adultos responsáveis pelo ensino formal. Os professores hoje são convocados pela nova cultura para serem prótese de pai e de mãe. Mas será que é legítimo convocar os professores para esta nova função na escola? Até que ponto estes profissionais estão preparados para exercerem esta nova função? Ou será que cabe aos professores serem apenas responsáveis pela função “ eminentemente ensinante ” ou “ restrita ao ensino dos conteúdos escolares ”?

De qualquer forma, as queixas estão em todas as escolas, com o aumento no

“Número de crianças mimadas, pequenos ditadores do lar, sem limites, porque para elas “tudo pode”, inclusive mandar nos pais (os filhos tem algum poder, mas não possuem autoridade sobre os pais). O que será o futuro de uma geração acostumadas aos mimos, a sedução para ter coisas, a ter a ilusão de que com gritos e ameaças podem ter tudo?” (LIMA, 2009).

Para o autor citado existe uma associação entre o desrespeito em relação aos pais (lar, família) e o desrespeito em relação a autoridade do/a professor/a. Se em casa ela se acostuma com pais negligentes e permissivos, certamente espera se reproduzir o mesmo na escola. Adolescentes hoje simplesmente tomam suas decisões sem consultar ou informar seus pais: entra e sai de casa, viaja, falta à escola, etc. Ora, as crianças e jovens necessitam de autoridade, sim, para conquistar seu próprio modo de ser-no-mundo. Ainda que eles passem por uma fase desafiando a autoridade e as regras de convivência, é preciso conquistar um modo de ser civilizado. A educação está situada entre o passado e o futuro, observa Arendt (*apud* LIMA, 2009).

Evidentemente, o aprendizado do respeito as regras inicia dentro de casa e vai permeando as atitudes e palavras. Esperar que a escola sozinha dê conta do processo civilizatório, é apostar num fracasso da sociedade do futuro. Também contar que os programas de televisão, internet, videogames, contribuam no sentido civilizatório, é no mínimo ser ingênuo. Na verdade, os meios de comunicação de massa vem promovendo a alienação e o “desaparecimento da infância” (POSTMAN, 1982). E quando não há o respeito e ausência de regras e limites dentro de casa, como conviver civilizadamente em família e na sociedade?

O senso comum ainda entende que somos reflexos de nossos pais; pré-concebe que um filho de pai alcoólatra certamente também será um alcoólatra, etc. Ainda hoje predomina o senso comum sobre a família, porque o imaginário popular resiste ver que a família mudou e ainda idealiza uma família onde os acontecimentos são previsíveis e controlados a partir de valores e regras da tradição. A realidade que aparece nas pesquisas aponta que pais bons cidadãos de nossa época também podem produzir filhos delinquentes, visto que outras influências eles recebem fora dos valores familiares. O inverso também pode acontecer. Ou seja, as novas configurações familiares abrem perspectivas imprevisíveis na educação da nova geração de filhos.

Contudo, na prática cotidiana devemos investir em palavras e exemplos produzidos pela família do jeito que ela se configura, para desenvolver nos filhos a noção entre o ‘certo’ e ‘errado’, entre ‘pode’ e o ‘deve’, enfim, a educação deve ser mediada primeiro pelos pais ou responsáveis pela criação da nova geração. Também cabe aos estabelecimentos pré-escolares e escolares a tarefa de

complementação da função de base educativa aprendida na família em “des-ordem” de nossa época.

2.3 Reflexos da função paterna na escola

Estudos apontam que a pré-escola e a escola são os ambientes de nossa época onde a criança irá dar o seu primeiro passo para viver em sociedade; é onde ela será influenciada para deixar de ser egocêntrica e criar uma identidade. A formação do “sujeito moral” não é um percurso fácil. A participação do pai e da mãe (ou daqueles que representam função-pai e função-mãe), bem como das brincadeiras com os coleguinhas, devem dar suporte ao desenvolvimento cognitivo e afetivo dos filhos.

Com base nos estudos desenvolvidos pela psicanálise podemos identificar algumas dificuldades inerentes a uma pessoa no modo de ser-pensar-agir como decorrentes de problemas de base entre pais e filhos e o contexto social e cultural. Lima (2000) relata a realidade atual em que os alunos sofrem efeitos do novo modelo de família, da cultura cibernética globalizada, o vazio decorrente do declínio do patriarcalismo, o baixo amor da mãe que prioriza os estudos e a carreira profissional, a falta de certeza quanto ao futuro, são alguns fatores que acirram a crise do sujeito constitucionalmente dividido entre Consciente e Inconsciente.

Nesse sentido, a escola não pode assumir sozinha a função de educar valores e regras de convivência social. Cabe a escola ensinar os conteúdos sistemáticos, a fim que a criança possa se civilizar nos campos da filosofia, literatura, números, ciência, e também da cidadania. As exigências do mundo contemporâneo não podem ser desculpas para pais se ausentarem da responsabilidade pela educação e cuidado dirigido aos filhos, do contrário surgirão efeitos negativos tanto do lado dos filhos como do lado dos pais e da própria sociedade.

As mudanças em relação ao declínio da autoridade patriarcal e a ausência da mãe interfere diretamente no processo de educação dos filhos. A escola está diante de desafios: alunos desinteressados, indisciplinados, revoltados e até violentos,

Alguns autores observam que atualmente

“A educação dos filhos assume um caráter de maior permissividade junto aos pais, com as mudanças ocorridas na estrutura familiar, permitindo maior liberdade aos filhos, esquecendo que eles necessitam de apoio e educação. Nesta dinâmica familiar, temos visto a crescente “crise de gerações”, a dificuldade no relacionamento pais/filhos, no estabelecimento de laços familiares. (PRESTES, 2005, p.35).

Os filhos com sentimento de abandono e carentes são os mesmos que procuram chamar a atenção dos professores com postura resistente à aprender, notas baixas, agressividade, sumiço da escola, etc. Por vezes, criam situações de conflitos dentro da escola obrigando os pais a irem até lá tomar conhecimento de suas faltas e sobre “que fazer” para reverter tal situação.

Estudos realizados por Fraiman (1997) destacam algumas matérias de revistas que foram destaques de capa como: “Sem tempo para os filhos” – como pais e mães podem valorizar as poucas horas que passam com as crianças (*Istoé* 30 Julho 1997); “Prepare seu filho a escola vai mudar” (*Revista da Folha*, 1997); “Geração pestinha”, cheias de vontades crianças impõe suas próprias regras e rejeitam cada vez mais as ordens dos pais e professores É possível comprovar que o tema está posto na mídia como problema. Também alguns pesquisadores buscam identificar os fatores que contribuem e influenciam no desempenho escolar da nova geração de alunos.

O tema posto em discussão seja pela mídia ou por pesquisa científica, tem objetivos a serem compreendidos, como afirma Caetano (2009, p.03):

As pesquisas vêm, primeiramente, oferecer contribuições imprescindíveis para o repensar desta complexa relação, mas elas também reafirmam com dados semelhantes, uma conclusão de senso-comum, colhida dos discursos da grande maioria dos professores, sejam da educação infantil, do ensino fundamental, ou do ensino médio: **o fato da família não ir bem, influencia negativamente o desenvolvimento escolar dos filhos.** Tais constatações se explicitam em verbalizações como: **“os pais dos alunos com dificuldades de aprendizagens, são exatamente aqueles que não comparecem às reuniões”**; “eu sei que as reuniões de pais nem sempre são agradáveis, mas temos que lhes contar a realidade sobre

seus filhos”; “como o aluno pode ir bem na escola, se seu pai bebe, se sua mãe o abandonou?” (CAETANO, 2009, p.03). [grifo nosso].

Importante saber não só os estudos científicos, as publicações da mídia, mas se perguntar: e o professor diante o tema? Este profissional da educação está suficientemente esclarecido? Possivelmente existe preocupação nos docentes em relação ao envolvimento da família na escola; em geral os professores reconhecem a baixa participação dos pais brasileiros na aprendizagem dos filhos. Nesse sentido, é mantida a tendência de enviar tarefas escolares para serem feitas em casa pelos alunos, que demandam a ajuda dos pais. Mas existem posições contrárias. Caberia uma pesquisa que problematizasse como os pais de hoje se posicionam diante das tarefas escolares? Como a nova configuração familiar influencia o alto ou baixo rendimento escolar?

É importante que professores tenham a consciência de quando a escola conta com a participação dos pais pode entender o contexto histórico e social ao qual o aluno vive; que busquem entender as dificuldades e problemas dos alunos para que eles possam melhorar o seu rendimento escolar. O professor pode ser o intermediário dessa relação dando o primeiro passo.

Como Caetano (2004) afirma:

Portanto, a construção dessa parceria é função inicial dos professores, pois transferir essa função à família somente reforça sentimentos de ansiedade, vergonha e incapacidade aos pais, uma vez que não são eles os especialistas em educação, não entendem de psicologia, desconhecem a didática, a sociologia. (CAETANO, 2004, p.7)

As pesquisas acadêmicas deverão aprofundar a investigação entre a relação entre família e escola, principalmente a função do pai na educação para o futuro. A importância da mãe na formação do filho leitor tem sido objeto de pesquisa. Mas e a importância do pai como mediador entre família e a sociedade?

Por seu lado, o professor em sala de aula deve ser portador de autoridade docente, porta voz das regras da instituição e da sociedade, mas com espírito crítico e sem esquecer que estamos diante de novos desafios da família para um mundo de possibilidades e de riscos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui desenvolvido revelou a desestruturação da família patriarcal e a nova formação da família contemporânea; nos fez compreender que uma das causas da crise da autoridade docente é a crise ou declínio da autoridade do pai na família moderna e contemporânea. Traçando uma linha do tempo, destacando a trajetória da paternidade e os efeitos na educação na contemporaneidade, as funções do pai e da mãe foram alteradas tanto na dinâmica familiar como nos resultados da educação.

A nova realidade social exige que a função paterna vá além de ser o provedor da família, isto é, cabe ao pai hoje dividir a responsabilidade educativa com o cônjuge; o pai passa a ser co-responsável pelos cuidados básicos e a educação de seus filhos. Este estudo problematiza que o pai omissivo pode causar sérios danos no desenvolvimento escolar da criança, sua ausência pode causar um vazio impossível de ser preenchido por outra figura. A falta de referência de pai/ mãe pode ser visto pela criança como um abandono; o excesso de liberdade decorrente da ausência da função do pai ou da mãe, não promete educação e nem formação do sujeito civilizado.

Os profissionais que atuam na pré-escola e na escola estão em crise; eles se queixam que as crianças e jovens chegam à escola sem código de convivência social, que só é adquirido em família. Indisciplina, notas ruins, falta de perspectiva e valores, podem ser vistos como uma grande falha educativa de base; e também uma maneira das crianças e jovens chamarem a atenção de seus pais e até obrigá-los irem a até à escola.

O desafio à escola contemporânea será: criar um processo de ensino e aprendizagem a partir de vínculo entre professor e alunos, respeitar as diferenças humanas nas práticas escolares, criar um diálogo mediado por professores preparados para trabalhar nesta nova realidade.

Como pedagogas, devemos nos posicionar de modo esclarecido e crítico diante a os reflexos da crise da autoridade patriarcal e da nova configuração da família contemporânea. Dentro da sala de aula o professor deve sustentar a autoridade docente, isto é, cabe-lhe ser o suporte possível para o desenvolvimento escolar de seus alunos, aliado aos mecanismos inovadores para suprir as necessidades de nossa época rumo ao futuro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S.A. e CHECHIA, A.V. **Representação dos pais sobre a escola eo desempenho escolar dos filhos.** Disponível em: <http://stoa.usp.br/antandras/files/318/1470/represent_pais.pdf> Acesso em: 22/11/2011.

BADINTER, E. **Um amor conquistado. O mito do amor materno.** 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CAETANO, M.L. **Relação escola e família: Uma proposta de parceria.** Universidade Estadual de São Paulo – USP/ Instituto de psicologia. Disponível em: <http://www.seufuturonapratica.com.br/intellectus/Arquivos/Jul_Dez_03/PDF/Lucia_a.pdf> Acesso em: 22/11/2012.

CASTELLS, M. **O poder da identidade** – v. 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

D'ANDREA, F. F. **Desenvolvimento da personalidade.** São Paulo: Difel, 1982.

DORAIS, M. **O homem desamparando.** São Paulo: Loyola, 1994.

FARIAS, C. N. F.; LIMA, G. G. A relação mãe criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. In: **Estilos da clínica.** v.9 n.16 São Paulo, jun. 2004. Tb. disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282004000100002>

HURSTEL, F. **As novas fronteiras da paternidade.** São Paulo: Papyrus, 2002.

LIMA, R. **Primeira jornada de estudos do curso de pedagogia a distância da UEM . Psicanálise e educação: conexões possíveis.** EAD/UEM, Out/ 2011.

LIMA, R. **Declínio da autoridade: efeitos na família e na escola.** In: **Educação no século XXI: múltiplos desafios.** Maringá: Eduem, 2009, p. 119-128. Tb. republicado na **Revista eletrônica Espaço Acadêmica.** No. 112, Nov/ 2009.

FRAIMAN. L.P. **A importância da participação dos pais na educação escolar.** Instituto de Psicologia da Universidade Estadual de São Paulo – USP, São Paulo 1997.

FURLANI, Lúcia Maria Teixeira. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso?** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FREUD. S. **Freud e a psicanálise.** Disponível em <<http://www.slideshare.net/espanto.info/freud-e-a-psicanalise>> Acesso em: 20/10/2011.

MANTOY, J. **Vocabulário essencial da Psicologia da Criança**, Lisboa: Moraes Editores, s/d.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

RAMIRES, V. R. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

ROUDINESCO, E. **Família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

TORRES, Carolina S. R. Filhos que mandam em seus pais: o declínio da autoridade nas famílias contemporâneas. **Rede Psi**. Disponível em: <<http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=1527>> Acesso em: 07/09/2012.